

Samambaia é reflexo do paternalismo

Lúcia Araújo

A construção de Samambaia é mais uma obra paternalista do governo do Distrito Federal, a exemplo do programa de assentamento de invasões patrocinado pelo governador José Ornellas. Os autores deste ponto de vista não são críticos ferrenhos e tradicionais da atual administração. Rubim Bender e Jairo de Campos César, presidente e vice das associações comerciais e industriais da Ceilândia e Taguatinga, respectivamente, lideram, através de suas entidades de classe, quase mil empresários do Distrito Federal. Eles estão preocupados quanto ao futuro do aglomerado de um milhão de pessoas em que vai se transformar a metrópole formada por Taguatinga, Ceilândia e Samambaia, com a construção desta última, nas atuais perspectivas de mercado de trabalho que a capital oferece.

Rubim Bender teme que a notícia da construção de mais uma cidade traga uma leva maior de imigrantes. "Quem vem a Brasília, vem em busca de favor. Um lote, uma casa, um apartamento, partindo-se do pressuposto de que outros já receberam". Jairo também é partidário desta opinião e baseia-se no programa de venda de lotes a preços baixos que o governo promove junto às invasões. "Dar casa a quem não tem condições de pagar a prestação, a conta de água ou de luz, não resolve o problema". Para eles, a resposta está na industrialização. "Uma cidade se expande à medida que o comércio e a indústria se expandem. "O governo vai assentar pessoas que não têm condições de permanecer um dia sequer no Distrito Federal. Não há oferta de emprego".

Só para ser lembrado

Para Bender, a microindústria seria a solução. "Produção familiar do plantio à industrialização". Um exemplo: um reduzido grupo de pessoas planta a laranja, cozinha e transforma em doce. O presidente da Acic reconhece que o incentivo à indústria não é uma obra política. "Os governantes brasileiros têm o hábito de realizarem obras que os façam ser lembrados, como Samambaia. Mas o que o governo vai fazer daqui a dez anos, quando esta região tiver dois milhões de habitantes?"

Bender acredita que a solução seria aproveitar a infra-estrutura das satélites já existente e promover um desenvolvimento vertical, aliado à construção de metrô de superfície. "O custo da mensagem representa um ônus grande para o trabalhador".

Para o representante de comerciantes e industriais da Ceilândia, Samambaia vai virar uma máquina de fazer dinheiro da Terracap, com a venda dos terrenos para as construtoras. Estas, por sua vez, usarão o Fundo de Garantia (FGTS), "dinheiro do povo", para construir os imóveis. A cidade corre o risco de se transformar numa nova Cidade Ocidental, vazia, porque é destinada a abrigar a classe média, que está acabando e não tem mais dinheiro para pagar as prestações cobradas pelo Sistema Financeiro da Habitação.

Visão superficial

O secretário de Viação e Obras, José Carlos Mello, autor, juntamente com os técnicos do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, do projeto de Samambaia, defende sua obra. Para ele esta visão da nova cidade é superficial.

— O governo do Distrito Federal e a Sepian firmaram um convênio em 1977, que originou o Plano de Expansão e Ocupação Territorial (Peot), o qual estabelece linhas básicas para o crescimento urbano. Estudou-se a possibilidade de crescimento vertical e horizontal das atuais satélites para fazer melhor uso de sua infra-estrutura. Esgotadas as possibilidades, partiria-se para o projeto de novas cidades.

Segundo Mello, as modificações possíveis nas satélites foram feitas com ampliação do gabarito de Taguatinga, criação de 300 novas projeções na Ceilândia e futura expansão do setor O, além de 20 novas projeções em Planaltina e dos assentamentos populacionais. Só estas medidas, explica, não foram suficientes e partiu-se para a construção da primeira das novas cidades projetadas no Peot, que possibilitarão um acréscimo de um milhão de pessoas no Distrito Federal.

O secretário de Viação e Obras discorda da afirmação de que as pessoas chegam a Brasília atraídas pela notícia de que o governo proporciona moradia com facilidade. Mello garante, baseado em pesquisa, que os imigrantes vêm em busca de melhores serviços médicos, educação e fugindo de situações adversas.

Mello exige o governo da responsabilidade quanto à inexistência de indústrias. "O governo dá infra-estrutura viária pavimentada, crédito fácil, energia e áreas industriais com terrenos a prazo, a preços convidativos, além de toda infra-estrutura. Se não existe indústria é porque não há condições de mercado ou então falta capacidade empresarial".

Jairo de Campos César rebate as críticas e garante que até hoje o empresariado não viu este apoio do governo. "Se o apoio fosse dado, ao invés de dar casas a quem não pode pagar, o governo daria incentivos à indústria de transformação. Aqui em Brasília todos têm a idéia da casa própria. Isso não existe em lugar nenhum".